

## **ENFRAQUECIMENTO DO PENSAMENTO E A PRIVATIZAÇÃO DA FÉ**

*Marcos Paulo de Oliveira Bueno<sup>1</sup>*

*Fernando Tiago Kotz<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Pautados na percepção contemporânea de consumo e individualismo que geram o que chamaremos de uma “privatização da fé” e dos avanços constatados de um enfraquecimento do pensamento buscamos elaborar um caminho de investigação que visa compreender os efeitos dentro do universo institucional, uma vez que se mudam os parâmetros para o “seguir” da fé, outrora inquestionáveis, pois os valores eram firmados em seu credo e no ethos social. Seja o seguir, uma decisão coletiva, para o bem comum e pautado em normas que se esvaziaram com o advento da modernidade e do capitalismo, além das posturas internas de não comprometimento dos indivíduos e seus líderes. Tentando compreender um pouco mais o universo contemporâneo e a ressignificação simbólica e suas consequências usando como pano de fundo os pensamentos de autores como Gianni Vattimo e Charles Taylor. O que Vattimo apresenta como a morte da religião moral e o desencantamento do mundo tratado por Taylor desemboca no fenômeno da secularização e da privatização da fé. A partir daí, podemos observar esta mudança de valores ou a revalorização social o que se tornou nosso objeto de busca.

**Palavras Chave:** Pensamento Enfraquecido, Privatização da Fé, Igreja, Contemporaneidade.

1326

### **Introdução**

O ser humano, ao longo de sua história, sempre externalizou sua abertura ao transcendente. Essa capacidade de transcender vai além de uma profissão de fé, credo ou religião. Abarca a própria constituição do ser humano como um ser essencialmente religioso, como um ser crente. Somos seres abertos à transcendência, estabelecemos conexões, interfaces com o divino através de símbolos, ritos e hierofanias. Durante séculos, no decorrer da história, a pergunta sobre crer não era cabível no contexto social, religioso e pessoal, porque a cultura criou um lugar propício, ou seja, um imaginário simbólico coletivo que englobava todos os ambientes e teias sociais, tornando crer uma atitude dada. A religião formada por seus símbolos, ritos e manifestações, contagiava e geria as relações da sociedade. Mas, notamos que este movimento está imprimindo uma nova identidade ou marca, “a fé está sendo privatizada nos redutos tradicionais”.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Estácio de Sá e Agente de Pastoral do colégio Santo Agostinho unidade Nova Lima.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia-FAJE. Professor de Ensino Religioso do Colégio Santo Agostinho unidade Nova Lima.

Nossa pesquisa se volta para entender as mudanças sociais, culturais e levantando a pergunta: O que é o “pensamento enfraquecido” de Gianni Vattimo e como isso, toca no “desencantamento da fé” em Charles Taylor. Mas antes disso, precisaremos no orientar acerca do universo dos que creem e os que não creem.

A possibilidade de não crer em Deus, durante muitos séculos, era uma questão não posta pelos indivíduos, pois a religião era algo inquestionável e legitimado pela cultura, pelos valores que circundavam as pessoas. No decorrer da história, o homem foi repensando suas ideias, crenças e valores nos quais, pautou sua vida e existência.

As sociedades durante a idade antiga, medieval e parte da moderna foram fortemente marcadas por certezas estabelecidas, de um cosmo ordenado, isto é, de valores e costumes rígidos. Percebemos que no período moderno e contemporâneo há uma passagem para um estilo de sociedade secular, isto é, no qual o ser humano se coloca como centro de referências de suas próprias escolhas e caminhos.

O pano de fundo da sociedade medieval e em parte do período moderno faz-se presente o divino em todos os aspectos e dimensões da sociedade, isto é, uma sociedade “encantada”, termo cunhado por Taylor, que quer dizer a presença dos espíritos e das forças morais. Essa passagem para uma sociedade desencantada seria o desaparecimento de Deus do universo simbólico.

1327

### **Aprofundando sobre o conceito de Pensamento enfraquecido**

O Pensamento enfraquecido é a teoria que Vattimo elabora acerca da forma como a sociedade atual assume suas estruturas ou a ausência de uma que se julgue forte. Conhecido como “ontologia do declinar, decadente ou débil”, não se trata de ser pessimista, na experiência e estudos de nosso tempo, mas sim um conjunto de interpretações acerca da vida.

Para exemplificar o que seria pensamento enfraquecido, é importante perceber essas características;

1) a evidência das relações de domínio, opressão e poder em micro e macroescala, ou seja, o nexa casual entre verdade e violência; 2) a rejeição, entretanto o a, de uma mera necessidade de lançar-se à elaboração de uma filosofia que tenha como funções últimas o desmascaramento e a desmistificação, por si sós; 3) por via inversa, utilizar esta tomada de consciência como chance para o desenvolvimento de um novo modo, mais amigável, menos angustiado e sem nostalgia da metafísica, de ver o mundo das aparências, dando especial atenção aos procedimentos discursivos, retóricos e às formas simbólicas, entendidos, agora, como locais de “uma possível experiência do ser”; 4) uma experiência do ser como acontecimento, mas não no sentido de glorificar os simulacros dos quais nos falam Deleuze e Baudrillard, o que daria a eles a mesma força de verdade metafísica, mas no sentido de um pensamento capaz de “articular na meia-luz”, consciente de que a experiência total do ser é impossível, de que o ser, ao mesmo tempo que se envia, se subtrai; 5) a identificação entre ser e linguagem, como caminho para entender o ser como rastro, lembrança, não mais como ente, mas como acidente, como nos ensina Heidegger, em suma, um enfraquecimento do ser (PECORARO, 2005. p. 37).

O pensamento enfraquecido tem a ver com a vida e com o processo histórico em que os fatos acontecem, a realidade e lugar onde o homem reflete sobre o que o cerca.

A pretensão de um “pensamento forte”, que acredita saber objetivamente o que é a realidade, que busca uma fundamentação para as suas afirmações, é uma consciência forte, estável, indubitável. O sujeito forte é correlativo ao pensamento da objetividade, e por trás deste pensamento, assim como enxergaram Nietzsche, Adorno e Horkheimer, se esconde o desejo de dominação. Porque ao “sujeito do objeto”, o pensamento objetivado é animado por um afã de poderio (TEIXEIRA, 2006, p. 86).

1328

A elaboração de um pensamento forte em nosso tempo já não é tangível. É necessário nos habituarmos à ideia de superação da metafísica. Vattimo (1980) aponta ser a debilidade de nosso tempo um confronto com o mundo, de forma que a sociedade assume um aspecto de impasse.

A cultura se orientou na certeza de que os chamados atributos de Deus eram fonte infinita para a formação de conhecimento (de um fundamento único) a que todas as mentes deveriam contemplar.

Com base na experiência do pluralismo pós-moderno, podemos somente pensar o ser como um evento, enquanto a verdade não mais pode ser o reflexo de uma estrutura eterna do real e sim uma mensagem histórica que devemos ouvir e à qual somos chamados a dar uma resposta (VATTIMO, 2004, p. 13).

A partir do momento que somos capazes de interpretar a multiplicidade de fundamentos, rompe-se com uma cultura dogmática e violenta, portanto, com a metafísica e seu caráter “violento”. As estruturas fortes sobre as quais foi gestada a violência da metafísica, ou seja, como agente absoluto, e que não permite diálogo, proximidade, mas antes requer apenas obediência cega e adoração.

De forma muito simplificada, creio poder dizer que a época na qual vivemos hoje, e que com justa razão chamamos pós-moderna, é aquela em que não mais podemos pensar a realidade como uma estrutura ancorada em um único fundamento, que a filosofia teria a tarefa de conhecer e a religião, talvez, a de adorar (VATTIMO, 2004, p. 11).

O *ser-no-mundo* é chamado a ser pensado como *ser-de-relacionamento*, por sua vez, ser de diferenças. Vattimo (1980) buscará as diferenças como chave de leitura do próprio homem. Assim realça sua busca quando aponta “para além da metafísica”, onde a tarefa do ser é corresponder ao dom de ser. O pensamento que supera a metafísica não é o pensamento que estabelece diferenças e sim aquele que as traduz e as reconhece.

Se validarmos pela contemporaneidade a ideia de fundamento, torna-se impossível remontá-la, uma vez que está totalmente dissolvida e vazia de conteúdo, recolhida na abstração e fora da realidade. É o que Nietzsche, na obra *Humano, demasiado humano*, chama de “filosofia da manhã”. Lembra o italiano: o pensamento não mais orientado com base na origem ou no fundamento, mas na proximidade. Daí uma possibilidade distinta dentro da formulação de Vattimo:

Esse pensamento da proximidade também poderia ser definido como um pensamento do erro; ou melhor ainda, da “errância”, para ressaltar que não se trata de pensar o não-verdadeiro, mas de encarar o devir das construções “falsas” da metafísica, da moral, da religião, da arte, todo esse tecido de erronias que constituem a riqueza ou, mais simplesmente, o ser da realidade (VATTIMO, 1985, p. 176).

A noção de superação concebe para o pensamento uma característica de continuidade e, por isso, um progresso. Retomando suas bases filosóficas, Vattimo segue sua análise apontando que, após Nietzsche, as ideias de fundação são dissolvidas. O fundamento único em nossa sociedade se torna inviável, pois a ideia de fundamento primeiro tornou-se insustentável.

Quando a religião não se prende em discursos prontos, sua essência é libertada como experiência prática de discursos mais ou menos elaborada, para se expressar a partir de caracteres culturais e linguísticos.

Por isso, torna-se cabível pensar em um universo onde o homem que busca Deus (nas religiões) esteja aberto a pensar em um leque de possibilidades e verdades e consegue seguir, sem necessidade de um fundamento forte, experimentando diversas oportunidades do crer em um Deus que não seja tomado metafisicamente como fundamento único.

A modernidade na sua representatividade aponta a ruptura com a ideia de cultura e comunidade da aliança e torna-se terreno contratual e de jogos de interesses. Superar a modernidade é elaborar o novo como valor fundamental capaz de promover experiências criativas e recreativas para a própria história. Assim, não é possível ler nossa realidade de uma forma unívoca e fundamentalista.

A modernidade trouxe o signo da superação do cotidiano. Afinal, o novo que envelhece carece ser substituído à medida que algo mais novo surge. Tal movimento irreversível inspira total criatividade saindo da modernidade com a intenção de “superá-la”. Este esforço por substituir implica uma redução aos valores da civilização.

Os instrumentos da razão e da técnica, de muitos problemas que se colocaram ultimamente ao homem da modernidade tardia: questões que dizem respeito à biotécnica, sobretudo, da manipulação genética às questões ecológicas e, ainda, a todos os problemas ligados à exploração da violência nas novas condições de existência da sociedade massificada (VATTIMO, 1992, p. 220).

1330

Se refletirmos, veremos que o tempo (tempo das coisas) está se reinventando. As ciências que devem estar em sintonia com a consciência comum da sociedade têm se revelado em função do capitalismo e o progresso atinge a poucos e a todos ao mesmo tempo. Situados “no meio da massa”, acumulam uma série de novas informações a todo tempo, entretanto não atingem ou elaboram conhecimento no campo da razão. Nada mais é do que um impulso de substituição para nossa mentalidade, capaz de proporcionar eventos como a própria pós-modernidade.

Se a modernidade se define como a época da superação, da novidade que envelhece e é logo substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo que a requer e a impõe como única fonte de vida, se assim é, então não se poderá sair da modernidade pensando-se superá-la (VATTIMO, 1985, p. 171).

Vattimo (2007) diz que o momento chamado de pós-moderno, em que se encontra a humanidade hoje, não se caracteriza por uma novidade em relação ao moderno, mas caracteriza-se como dissolução da própria categoria do novo, como experiência de fim da história. Teixeira (2005) diz que pensar o pós-moderno como o fim da história não significa, senão, perceber que a questão já tinha deixado de ser proposta, mas, pelo contrário, coloca no primeiro plano a questão central da história.

Mas qual o grande marco que traduz a diferença entre a modernidade e a pós-modernidade? Vattimo propõe o pensamento enfraquecido como re-pensamento de todas as questões sem pretender uma superação, mas sim uma sustentação. Fora de qualquer possibilidade de se tornar absoluto ou tomá-lo como fundamento, o pensamento fraco se mostra sem força, unidade e predeterminação, pelo fato de não querer ser metafísico, ou seja, viver na consumação do niilismo.

A busca pela mudança como um paradigma ou frenesi deste tempo é associada ao enfraquecimento das estruturas fortes da modernidade. Só enfatiza a valorização do acontecimento, das eventualidades, o reino do acaso e a diferença, quando o que está incutido é a continuidade, a permanência, ou o que podemos chamar de mesmice. Somos pós-modernos, no sentido que destaca Vattimo, porque perdemos em nosso tempo as características do período moderno, em sua visão unitária da história e sua ideia de progresso.

Em meio a tanta “superação”, a compreensão desse termo merece ser entendido por “ampliação”, “alargamento” provocado pela ruptura desde dentro, isto é, quando falamos que pensar a diferença é a superação da dialética, não estamos dizendo que uma suplantou a outra, mas sim que uma ultrapassou (englobou) a outra. E se o pensamento enfraquecido superou a diferença, é porque este consumou em si o pensar a diferença e a dialética. As dificuldades da pós-modernidade não podem ser abandonadas sem que a posição anteriormente ocupada pela filosofia da história seja suplantada por algo novo.

Assim, as crises de valor, da lógica e das verdades ditas fortes eram sustentadas pela farsa da representatividade em forma de verdade ou uma potência comum da vontade. Por isso, Vattimo aponta a “teoria das origens e formas de desenvolvimento da civilização humana fundada sobre a tese de que aquilo que um ponto de vista puramente natural, humano, se chama sagrado é profundamente aparentado com a violência” (VATTIMO, 1999a, p. 28).

Essa ontologia fraca consiste em pensar o ser dentro da debilidade do pensamento, contextualizando-o como acontecimento histórico e nada mais. Na perspectiva do filósofo de Turim, o pensamento enfraquecido é aquele que não investiga os fundamentos, não está à procura de evidências, como ocorre na ciência e na técnica.

Esse caminho do “pensamento enfraquecido” pelas sendas da hermenêutica é descrito por Vattimo na máxima “a interpretação é o único fato de que podemos falar [...]”. Na interpretação dá-se o mundo, não há apenas imagens ‘subjetivas’. Mas o ser (a realidade ôntica) das coisas é inseparável do ser-aqui homem” (VATTIMO; RORTY, 2006

Vattimo afirma que é o ser que faz com que as coisas venham à luz, mas ele mesmo não é objetivável. As múltiplas mensagens que nos chegam do passado não são alvo de análise objetiva.

### **Privatização da fé**

A racionalidade moderna tem a intenção de afastar toda e qualquer manifestação que envolva mistério. Sua função é desvelar. O mistério na compreensão religiosa vai além daquilo que é compreensível pela capacidade racional. A atitude religiosa diante do mistério é de admiração, contemplação, reverência e não tentativa de explicação, desvelamento, tirar o véu.

A fé na contemporaneidade, segundo Taylor, passa por um processo de manifestação coletiva para um plano particular. A experiência do universo simbólico coletivo representado na arquitetura, nos eventos, festividades e manifestações religiosas ocorridos nas cidades e vilarejos, formavam o imaginário social. Porém, na atualidade, paulatinamente a experiência religiosa passa para o plano particular, ou seja, uma privatização da fé. A experiência do cultivo da fé configura-se a partir do espelho de uma sociedade individualizada, voltada para a dimensão da “casa”, algo particular, isto é, sua privatização.

O pensamento da modernidade vem na contramão do pensamento holístico, do imaginário cósmico que a religião pregava. O desencantamento da natureza, do corpo humano, do pensamento moderno idealizado pela filosofia, pelas elites, era justamente desvelar, tirar o véu sobre enigmas, sobre mistérios, isto é, explicar a realidade questionando a porosidade do mundo dos espíritos. Esse pensamento trouxe à tona a discussão para a imanência, ou seja, discutir a mundaneidade, aquilo que é secular.

A virada antropológica, ou seja, o espaço que a racionalidade criou nas condições do início da modernidade não mais voltada estritamente para o cultivo do ambiente religioso, mas uma vivência voltada para valores materialistas. Essa modernidade produziu um imaginário social horizontal, isto é, o divino pode ser alcançado não somente por um corpo de doutrinas, por uma visão vertical hierarquizada mas, por uma sociedade no qual o acesso ao transcendente não precisa passar por uma religião, mas todo indivíduo pode ter uma experiência direta ao sagrado. (TAYLOR, 2010, p. 461). O que Vattimo aponta em sua bibliografia uma “Religião sem igrejas”.

O declínio da religião na esfera pública é retrato de um ambiente cada vez mais particularizado, imagem de uma sociedade individual, que ao longo da história, foi desmistificando os símbolos e ritos.

A pluralidade de pensamento, a troca entre as culturas plantou um espaço de ideias e concepções fragmentadas. Por isso, a motivação e a adesão pela práxis cristã, e pela adesão de um corpo de doutrinas vêm perdendo seu espaço na esfera pública e voltando para o ambiente privado.

Com o processo de urbanização e industrialização as pessoas foram se aglomerando aleatoriamente e perdendo as referências comunitárias e seus respectivos ambientes de fé e de prática religiosa. A religiosidade contribui para gerar um ambiente comunitário, servindo de referência e suporte para as pessoas. Já num ambiente urbano, plural e cosmopolita existe uma dificuldade de criar um imaginário comunitário, um ambiente favorável para a vivência e o cultivo da fé. A tendência mais provável é recolher-se, viver a fé num ambiente privado e cada vez mais particularizado. Isto não quer dizer que a fé desapareceu do imaginário social das pessoas, pelo contrário, continua viva no coração e na prática das pessoas, porém não mais massivamente numa esfera coletiva e sim num vivência pessoal e particular.

1333

### **A descoberta do universo de possibilidades após a morte de Deus**

A palavra secular, remete aquilo que não se enquadra em uma ordem religiosa. Relativo do que vive no século, no mundo, que cumpre os deveres da vida civil, não religiosa.

O universo secularizado, segundo Taylor, possui suas raízes na dinâmica do próprio cristianismo, assim como Vattimo fundamenta sua pesquisa na *Kenosis* de Deus. Um marco importante foi à separação entre Estado e Igreja, ou seja, o Estado laico com as divisões das esferas civis e religiosa, a laicização do direito, do lazer, da cultura, e da ciência influenciou para que a religião se deslocasse de seu centro irradiador. Nestes instantes, há uma perda da influência “totalitária” da religião sobre a vida social, cultural e sobre a vida e escolhas dos indivíduos. (PIERUCCI, 1997).

No universo encantado há uma necessidade de recorrer a Deus, que é a garantia do triunfo do bem. Havia um ambiente facilitador, um cosmo ordenado, um ethos religioso que conferia identidade para a comunidade reunida que professava a mesma religião, celebrava juntos as festas e os eventos, enfim havia um clima que inalava transcendência. Os indivíduos eram fortemente marcados pela busca de uma conciliação entre Vontade de Deus e vontade humana, isto é, encontrar pontos de convergência para que a felicidade, a vida feliz pudesse ser alcançada.

Com a chegada da modernidade

a religião não é mais a força motivadora independente nas condições impostas pela modernidade...[...] assume-se que, na modernidade, a perspectiva da transformação perdeu a maior parte do seu poder de atrair pessoas, de modo que algo como as mesmas ações e instituições que ela costumava sustentar podem permanecer só se forem movidas por algum outro motivo. (TAYLOR, 2010, p. 508)

1334

É gestado assim, um humanismo desencarnado do religioso, com seus próprios valores seculares. Com o advento da ciência mecanicista, a visão sobre a realidade não é mais de um cosmo ordenado, no qual o indivíduo deve articular sua existência a partir de uma vontade externa, ou seja, o indivíduo necessita para ser feliz ordenar ou encontrar essa Vontade. Agora a busca pela vida feliz se concentra em suas próprias mãos, como protagonista de sua própria realidade. Assim sendo, o homem lança as oportunidades do “novo” que é a “morte de Deus” e uma elevação significativa do próprio homem que se encontra com o divino.

O homem toma o lugar de Deus porque as decisões são resultados da sua capacidade racional de gerir seus próprios comportamentos e não tanto mais por uma configuração com a Vontade Divina. Vattimo (1996) trabalha esse tema da secularização na intenção da retirada de Deus do cenário coletivo, pois retrata o enfraquecimento dos fundamentos e dos valores que imperavam na sociedade. O fundamento divino, imutável dos valores éticos e morais das sociedades passam agora, para uma construção humana que tem como fundamento a razão e os valores seculares.

Como aponta Nietzsche “há um mar aberto diante de nós” (NIETZSCHE, 2000, p.234). Assim, as verdades fixas entraram em crise e passam a valer as leis que se fundamentam no nível da imanência, não mais pautadas por um argumento metafísico. A responsabilidade sobre os atos e suas consequências, bem como, a sua construção recaem sobre a liberdade dos próprios indivíduos e não mais outorgadas a Deus.

Taylor enfatiza em seus escritos que o processo de secularização não significa a morte da experiência religiosa. Seria uma oportunidade ímpar que a Igreja, a teologia precisem repensar como reestruturar o pensamento cristão, principalmente na parte ocidental, para que a mensagem de Deus, encarnada em Jesus Cristo, possa se transformar em realidade, isto é, ser materializada na vida e na história do povo.

Taylor reforça várias vezes no livro *Uma Era Secular* que a Igreja em sua própria dinâmica foi responsável por parte do processo de secularização, que aconteceu nos últimos séculos. Devido sua rígida estrutura, a Igreja é marcada por sua hierarquia vertical, a centralidade do poder e das decisões em si, a valorização e ênfase na vida eterna, a aliança com o poder estatal, a rigidez da vida moral, as atitudes que reforçaram o foco no sofrimento, nas mortificações. Tal pensamento gestou um abismo entre o divino e o humano, uma separação das atitudes “profanas” e “sagradas” gerando assim, um descolamento da práxis dos indivíduos na própria vivência da fé cristã.

Com o advento da modernidade, a racionalização toma o lugar privilegiado como o caminho de chegar à verdade das coisas. Por isso, a Igreja enfrentou muitas críticas em sua atuação e por isso, teve que adaptar seu discurso e sua prática por meio de concílios, para continuar sendo uma voz forte em meio à sociedade. A modernidade pelo seu processo de racionalização contribuiu para que a interpretação da dimensão religiosa e de suas manifestações seja envolvida por um discurso racional, afastando o que está relacionado a mistério. O olhar sobre a dimensão religiosa feita pela modernidade realiza-se por um caráter instrumental gerando assim, um desencantamento sobre os símbolos, ritos, manifestações.

Podemos perceber que na contemporaneidade, a prevalência do pluralismo de valores contribuiu para que não aja uma única visão de verdade sobre os valores da fé, da cultura e da moral. Essa vivência plural, a troca de culturas principalmente a partir do século XX, abre a perspectiva de uma nova época, de novos questionamentos e crises.

Não há como declarar um “fundamento único” para toda a realidade. Nietzsche, na perspectiva de Vattimo (2004), livra a experiência religiosa para se expressar, a partir de outros núcleos culturais e linguísticos. Diz o filósofo italiano:

Sob a luz da nossa experiência pós-moderna, isso significa que, justamente, porque esse Deus, fundamento último, que é a estrutura metafísica do real, não é mais sustentável, torna-se, novamente, possível uma crença em Deus. Certamente, porém, não no Deus da metafísica e da escolástica medieval que, de qualquer forma, não é o Deus da Bíblia, daquele livro que a própria metafísica moderna, racional e absoluta, ao poucos havia dissolvido e negado (VATTIMO, 2004, p. 12).

Vattimo afirma que a morte do Deus da metafísica não significa a morte da experiência religiosa. Há um diagnóstico da morte de um Deus moral, no dizer de Nietzsche. Ele não está propondo uma metafísica atea, muito pelo contrário, em sua leitura ele reflete outro posicionamento. A metafísica teria esgotado toda e qualquer possibilidade de negar, ao menos filosoficamente, a existência de Deus ou sua não existência.

No parágrafo 108 de *A gaia ciência*, Nietzsche anunciava: “Deus está morto; mas tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada – quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra” (NIETZSCHE, 2000, p. 135). Essa máxima configura, numa privilegiada categoria, o diagnóstico contemporâneo em sua atmosfera cultural e religiosa. Já no parágrafo 125 da mesma obra, Nietzsche atesta a morte de Deus e considera, no parágrafo 343, tal fato como o “maior acontecimento recente – o fato de que ‘Deus está morto’ de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito” (NIETZSCHE, 2000, p. 147-148), o que deixa o horizonte limpo novamente para ser preenchido de novidades e descobertas para o conhecimento.

Vattimo (1996) sugere que a morte de Deus seja compreendida como uma metáfora da morte de todos os fundamentos. O distanciamento de Deus da esfera moral das pessoas acelerou a desertificação desses territórios, o que nos permite pensar a efetivação de novas tentativas para os esquemas e as categorias da tradição. Trata-se assim do que chamamos “desvalorização dos valores supremos”, conclui Vattimo (1996).

### **Considerações Finais**

O processo de secularização para Taylor não é o fim, mas uma oportunidade ímpar de repensar a ação evangelizadora, constituição e remodelação do rosto cristão católico. A própria Igreja precisa reencantar sua paixão pela Pessoa que ela segue. Porque a mensagem do Cristo foi aprisionada por uma estrutura enrijecida, que ao longo dos anos, devido às circunstâncias históricas e eclesiais as normas, as leis e condutas enfatizavam a valorizavam da hierarquia, do poder, da conquista de espaço, do controle espiritual e moral das individualidades. Por isso, é necessário ver esse momento da secularização como um processo de lançar um novo olhar sobre as origens do cristianismo, a Pessoa de Jesus e sobre suas atitudes para quem sabe, um “reencantamento”.

Entender que a expressão religiosa é parte integrante da constituição e expressão do ser humano. Porém, o modelo que construímos, ao longo dos séculos pela tradição, precisa ser repensado, configurado em novas ações, normas, que toquem a vida, a dimensão humana das pessoas, ou seja, trazer a encarnação de Deus para a vida das pessoas.

Tanto nas leituras de Taylor e Vattimo há uma forte crença no resgate da dimensão religiosa humanística, retornar as fontes iniciais do próprio cristianismo. Uma fé com que abarque e retrate por excelência as angústias, os anseios e as preocupações da vida real das pessoas.

A compreensão da racionalidade moderna dissecou e esvaziou o mistério da fé. Houve uma perda gradativa do espírito que os símbolos e rituais representam e remetem. A dimensão sagrada da fé, isto é, as sensibilidades para perceber, sentir, contemplar a presença criadora e efabuladora do espírito humano, que são transmitidos pela cultura e educação deram lugar para a razão instrumental.

Tanto Taylor quanto Vattimo apontam que o processo de secularização e do afastamento da realidade religiosa da esfera pública não fez desaparecer o universo simbólico da vida das pessoas, mas o ambiente religioso e a crença no transcendente passaram de um plano coletivo para uma fé mais individual, particular. A sociedade moderna gestou um ambiente pouco favorável para a construção coletiva da fé. Viver e cultivar a fé madura na atualidade torna-se um desafio a ser enfrentado, garimpado. Então, a necessidade torna-se mais latente, pois cultivar convicções saudáveis num ambiente menos favorável exige do indivíduo experiências maduras, tanto no nível pessoal, quanto no comunitário.

A intenção é resgatar a dimensão religiosa como uma faceta importante para a construção da humanidade, trazendo a dimensão religiosa para a discussão, como um elemento importante no processo de construção de valores, de práticas humanísticas. Entender que a expressão religiosa é parte integrante da constituição e expressão do ser humano. Porém, o modelo que construímos, ao longo dos séculos pela tradição, precisa ser repensado, configurado em novas ações, normas, que toquem a vida, a dimensão humana das pessoas, ou seja, trazer a encarnação de Deus para a vida das pessoas.

O cultivo da fé na contemporaneidade caminhou somente pelo viés da necessidade de explicar, articular categoricamente num discurso racional e houve um esquecimento da sua prática vivencial. O caminho da vivência da fé não passa somente por um discurso racional articulado, mas de pessoas engajadas em projetos vivenciais e de experiências de Deus. Já na carta de Tiago, presente no novo testamento ressalta a prática de obras, pois uma fé somente articulada num discurso sem uma prática concreta da construção do Reino de Deus é vã e morta. (Tg 2, 14-17).

Mais do que nunca, é necessário repensar a perspectiva da fé mais voltada para uma humanização da própria humanidade. Recuperar a dimensão vivencial e humanizadora da experiência religiosa presente na cultura. A proposta não é que a fé seja a detentora da verdade absoluta dos fatos, dos desafios da atualidade e dos anseios do homem moderno, mas tem a intenção de dialogar junto, trazendo os elementos e valores humanos da tradição e da experiência religiosa feita ao longo dos séculos para o debate e a construção de uma sociedade que proporcione aos seus, maior qualidade de vida.

A intenção não é esquecer a articulação de um discurso racional da fé, mas caminhar para uma construção que seja vivencial, no qual as pessoas possam sentir-se tocadas e ouvidas em suas realidades existenciais, angústias e dilemas.

1338

## **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, Theodor Wiesengrund. A dialética do esclarecimento: fragmentos Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

GADAMER, Hans Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 731 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 102 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A gaia ciência. (1882). São Paulo: Hemus, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falou Zaratustra. (1885). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Fragmentos finais. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: UnB, 2002.

PECORARO, Rossano. Metafísica do choque, niilismo da arte: notas sobre o pensamento pós-moderno de Gianni Vattimo. O que nos faz pensar: Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, n. 6, nov. 2003.

PECORARO, Rossano. Niilismo e (pós)modernidade: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. (Teologia e ciências humanas; 34).

PECORARO, Rossano. Os filósofos: clássicos da filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008. 3 v.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano em sociologia da religião. Novos Estudos Cebrap, n. 49, nov. 1997.

RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago (Org.). O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

TAYLOR, Richard. Metafísica. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

TAYLOR, Charles. Uma Era Secular. Trad. SCHNEIDER, Nélio e ARAÚJO, Luzia. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2010.

VATTIMO, Gianni; GIRARD, René. Verità o fede debole?: dialogo su cristianesimo e relativismo. Massa: Transeuropa, 2006.

VATTIMO, Gianni. Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia. Tradução Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999a.

VATTIMO, Gianni. “Estamos perdendo a razão?”. Café Philo: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b. p. 60-63.125

VATTIMO, Gianni. A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica.

VATTIMO, Gianni. Acreditar em acreditar. [1996]. Tradução Elsa Castro Neves. Lisboa:Relógio D'água, 1998.

VATTIMO, Gianni. As aventuras da diferença. Tradução José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1980.

VATTIMO, Gianni. Igrejas sem religião, religião sem igrejas?. Interações: cultura e comunidade, Uberlândia, v. 5, n. 7, p. 165-172, jan./jun. 2010a.

VATTIMO, Gianni. Introdução a Heidegger. Lisboa: Edições 70, 1989.

VATTIMO, Gianni. Introdução a Nietzsche. Lisboa: Presença, 1990.

VATTIMO, Gianni (Org.). Metafísica, violenza, secolarizzazione. Roma-Bari: Laterza, 1987b. (Filosofia; 86).

VATTIMO, Gianni. Morte de Deus e o fim da metafísica: a luta contra os absolutos. Revistado Instituto Humanitas Unisinos: “Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ouvia da emancipação e da salvação”?, São Leopoldo/RS, Ano X, n. 354, p. 5-7, dez. 2010b.